



Formação do Partido dos Trabalhadores em Cuiabá (1979-1985)

Formation of the Workers' Party in Cuiabá (1979-1985)

Elói Felipe de Oliveira Thomas

Mestrado em História

Universidade Federal de Mato Grosso

eloi_felipe@hotmail.com

Recebido em: 28/12/2017

Aprovado em: 28/07/2018

Resumo: Este artigo pretende analisar a formação do Partido dos Trabalhadores na cidade de Cuiabá, capital de Mato Grosso, tendo como recorte temporal os anos de 1979 e 1985. Diferentemente de demais locais do país, o PT não conseguiu se tornar um “partido de massas” na cidade, ou seja, com certa abrangência no seu número de eleitores e militantes, e, portanto, analisamos os grupos sociais que ajudaram na criação da organização, e como eram feitos os trabalhos de militância e os momentos eleitorais em que o partido participava. O contexto social dos grupos dominantes, a não identificação da camada trabalhadora com o partido, foram as principais causas identificadas para que não ocorresse essa abrangência.

Palavras-chave: Partido, redemocratização, trabalhadores.

Abstract: This article intends to analyze the formation of the Workers Party in the city of Cuiabá, capital of Mato Grosso, having as a temporal cut the years of 1979 and 1985. Unlike other places in the country, the PT was unable to become a "mass party" in the city, that is, with a certain scope in its number of voters and militants, and therefore we analyzed the social groups that helped in the creation of the organization, and how the militancy works and the electoral moments in which the party participated. The social context of the dominant groups, the non-identification of the working class with the party, were the main causes identified so that this scope did not occur.

Keywords: Parties, redemocratization, workers.

Introdução

A trajetória política do Partido dos Trabalhadores é um tema que despertou interesses entre os pesquisadores, devido ao momento histórico em que ele surge e o que ele pretendia na construção política nacional: tentar representar os interesses da classe trabalhadora, até então praticamente inexistente. Dessa forma, o PT é visto como uma novidade devido a ser o primeiro partido a ser criado de “baixo para cima”, ou seja, sem uma vinculação com a elite econômica e política. Porém, existem poucos estudos sobre o PT na capital mato-grossense, devido a possuir



uma característica diferente de outras localidades do país: não ter se tornado efetivamente um “partido de massas”¹.

Dessa forma, pretendemos neste artigo tentar entender porque o Partido dos Trabalhadores conseguiu poucas vezes adentrar ao poder Executivo e Legislativo municipal, quais eram os grupos sociais que estavam envolvidos na formação do partido, e como estes se organizavam dentro do partido.

Formação do Partido dos Trabalhadores no Brasil

Vários autores se debruçaram na pesquisa sobre o objeto de pesquisa, sendo trabalhado principalmente dentro do campo da História, Ciência Política e Sociologia. Destaca-se a novidade política que representava no cenário nacional o seu surgimento, e a possibilidade da construção do socialismo na sociedade brasileira, tendo como o principal agente a classe trabalhadora. Martinez (2007) nos traz as fases em que o partido passou durante a sua trajetória, dividindo em três: o partido contra a ordem, década de 1980; o partido dentro da ordem, década de 1990; e o partido da ordem, quando ganha as eleições para governo federal em 2002:

[...] Uma periodização inicial pode na compreensão desses aspectos. Vistas nos dias de hoje, a orientação majoritária e a trajetória do PT poderiam ser vislumbradas em três grandes momentos. O primeiro, encerrado entre 1980 e 1990, corresponde ao irrompimento político na arena política nacional e internacional, marcada pela oposição à ditadura militar e ao projeto político de sobrevivência institucional desta. O plano de promover uma transição ‘lenta, gradual e segura’ para a democracia, que fora concebido no seio do regime militar, visava institucionalizar práticas de poder e de governo instauradas a partir de 1964. Podemos dizer que essa foi a fase em que a atuação política do PT esteve voltada contra a ordem estabelecida no país, ainda que o partido tenha recorrido aos canais institucionais em vigor como forma de crítica e de negação política, participando de todas as eleições realizadas e da Assembleia Constituinte e exercendo a administração municipal em diferentes regiões do Brasil (MARTINEZ, 2007, p.240).

Podemos verificar nesse trecho, dando atenção ao PT da década de 1980, que era uma organização que se posicionava contra a ordem estabelecida, ou seja, contra a ditadura militar e seu projeto de abertura política, e seu projeto econômico para a sociedade, marcado pelo arrocho salarial e a inflação crescente. Nesse sentido, Meneguello (1989) analisa os principais grupos sociais que ajudaram a formar o PT:

Erigida fundamentalmente sobre os novos rumos que o movimento sindical escolhera, a organização do Partido dos Trabalhadores definiu-se como

¹ O PT iria se constituir como o primeiro partido de massas no Brasil devido a confluência de três fatores: origem, através movimentos sociais e sindicalismo; organização, ligados aos movimentos sociais sem um compromisso efetivo com as disputas eleitorais; e o projeto político voltado para o socialismo. Ver mais em MENEGUELLO, Rachel. **PT: a formação de um partido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1989.



resultado de confluência de forças coletivas mobilizadas fora do campo político-partidário, então articulados em torno da proposta de inserção no mercado político. *Grosso modo*, tais grupos compreendiam parte do operariado ligado ao parque industrial mais moderno, uma ampla gama de categoria de trabalhadores urbanos e boa parte do conjunto de novos movimentos sociais e setores da intelectualidade (MENEGUELLO, 1989, p. 42).

Portanto, verificamos que a formação do partido esteve relacionada com as práticas sindicais existentes durante a ditadura militar. Nesse período, o regime acelerou o processo de controle dos sindicatos, utilizando a estrutura implantada durante o Estado Novo, ou seja, havia um controle do governo e os trabalhadores possuíam pouca autonomia na organização e defesa dos seus interesses.

Dessa forma, foi se formando durante a década de 1970, a corrente sindical chamada de “autêntica”, defendendo a autonomia na organização dos trabalhadores, indo contra a legislação trabalhista existente. Dessa corrente, surgiria o “Novo Sindicalismo”, que defendia a ruptura radical da legislação, em contraposição à Unidade Sindical, do PCB (Partido Comunista Brasileiro), presente dentro do MDB (Movimento Democrático Brasileiro), que defendia a permanência da legislação.

Em 1978 ocorrem as primeiras greves no ABC Paulista, marcada por forte repressão do governo, em que os trabalhadores exigiam o direito de greve, o fim do arrocho salarial, e a maior autonomia na organização dos trabalhadores. Ocorreram novas greves em 1979 e 1980, e elas se repetiam em outras localidades do país, conseguindo a adesão não apenas dos trabalhadores da indústria, mas também funcionalismo público, como professores e bancários. As reivindicações eram as mesmas, mas elas não eram atendidas. Dessa forma, começou a ocorrer a necessidade da criação de um partido político que unificasse as categorias que estavam em greve e as suas reivindicações. Martinez (2007) continua sua explicação sobre a formação do partido:

A ‘Carta de princípios’ do PT, aprovada por sua Comissão Nacional Provisória em maio de 1979, reforçou a alteridade política e social entre empresários e trabalhadores, patrões e empregados, exploradores e explorados, opressores e oprimidos. A explicitação das reivindicações econômicas e sociais, de uma concepção da democracia própria dos trabalhadores e direta e a refutação ao domínio e à exploração dos trabalhadores pelo capital monopolista seria uma atribuição do PT. O partido deveria ‘apoderar-se do poder político e implantar o governo dos trabalhadores’. Em outubro, a ‘transformação da ordem econômica, social e política’, o fim da opressão e da exploração e a democratização não apenas das instituições políticas, mas da sociedade brasileira, eram reiterados na ‘Declaração política’ emitida pelo PT (MARTINEZ, 2007, p.247-248).

Assim, podemos verificar qual era o projeto político do partido para a sociedade, marcada pela diferença social crescente entre explorados e exploradores e a ampliação da democracia,



construída pelos trabalhadores. Essas características demonstram a base social em que o partido era formado nos primeiros anos, marcado principalmente por trabalhadores da indústria e profissionais liberais da classe média, como professores e bancários.

Verificamos também as prioridades da militância no período: a participação nas eleições ou a maior inserção nos movimentos sociais e sindicatos, sendo esta discussão importante para a organização na década de 1980. A respeito da relação do partido com o poder institucional, Gadotti e Pereira (1989) analisam que:

Para o PT, a visão das esquerdas de cinquenta anos atrás, de que bastava ‘tomar o poder’ é incorreta. O poder não é um objeto que se toma puro e simplesmente. É uma correlação de forças entre as classes sociais em luta. Não basta ocupar o poder, é preciso transformá-lo, reinventá-lo a favor dos interesses da maioria. Fazer a revolução não é tomar o aparelho de Estado para tomar o socialismo. Não é, tampouco, impondo o marxismo no currículo escolar que iremos construir a consciência socialista. O PT entende que o socialismo será o ponto de chegada e nosso ponto de partida resultante de um movimento social e político construído a partir do movimento histórico. A alternativa ao estado capitalista é a organização autônoma da classe trabalhadora, como afirmava Marx: a emancipação. O PT valoriza, na luta pelo socialismo, os conselhos de trabalhadores. A autonomia é um conceito preciso ao PT: a autonomia das classes dominadas, caminhando com suas próprias pernas, construindo-se no movimento de negação da própria dominação. [...] (GADOTTI; PEREIRA, 1989, p.25-26).

Verificamos neste trecho como era encarada a questão da tomada de poder pelos militantes petistas nesse período, não ocorrendo de forma simples, como uma tomada violenta do Estado, mas ela deve ocorrer em etapas, através do chamado “acúmulo de forças”, ou seja, deve ocorrer uma maior conscientização da camada trabalhadora e das demais camadas excluídas da sociedade para que se possa assegurar a construção de uma nova sociedade.

Devemos entender também como o partido encarava a sua definição de trabalhador, se distanciando da concepção populista do governo Getúlio Vargas e buscando apoio no marxismo:

Pode-se perceber, assim, que através de movimentos de expansão e de contração, como diástoles e sístoles, amplia-se e restringe-se, num mesmo documento, a concepção classista do partido. Nos momentos de diástole em expansão, incluem-se na definição de trabalhadores – nos termos do texto acima – até mesmo setores não assalariados, como os profissionais liberais, demonstrando uma sintonia mais afinada com a composição da sociedade brasileira contemporânea. Nos momentos de sístole, de contração, proclama-se uma parte da classe trabalhadora – o operariado - como a vanguarda de toda a população explorada, indicando a permanência de uma concepção classista e partidária ainda ligada às formulações marxistas-leninistas (CESAR, 2002, p. 246).

A partir desse trecho, podemos analisar que o PT tentava compreender o termo trabalhador como a camada social que produzia bens materiais e imateriais, que não eram donas



dos modos de produção, dessa forma, tentava analisar a complexidade da sociedade brasileira, formada por diversos setores de trabalhadores, indo desde metalúrgicos até professores. Porém essa definição se mostrava conflituosa nesse primeiro momento de construção do partido, devido a também pensar os trabalhadores operários como a vanguarda na construção do socialismo, buscando apoio no marxismo-leninismo. Dessa forma, o partido oscilava entre a concepção de vanguarda e a afirmação de uma massa que não estava participando das decisões políticas na sua definição de trabalhador.

Meneguello (1989) afirma, ao analisar o PT como um partido de massas, que:

Nesse sentido, segundo a concepção de Duverger, *a novidade do PT é ter sido, sob o aspecto organizacional, o primeiro partido de massas criado no Brasil*: o PT é um partido de origem externa, extra parlamentar, de caráter societário; apresenta uma proposta definida de inserção da classe trabalhadora no sistema político; sua estrutura interna fundamenta-se em núcleos de base, órgãos básicos de trabalho e integração partidária; seu funcionamento interno define-se pela intensa articulação entre os órgãos estabelecidos de forma hierárquica. Quanto à participação, o PT define-se, em certo sentido, pela ideia ‘integralista’ de partido: visa uma profunda integração com seus membros através de atividades políticas, tarefas de organização permanentes, fora dos períodos eleitorais (reuniões, debates, festas, contribuições financeiras periódicas, edição de boletins e jornal etc.). Finalmente, quanto à ação política, o PT confere bem menos importância à atividade eleitoral e parlamentar do que os demais partidos, priorizando os laços com os movimentos sociais (MENEGUELLO, 1989, p.36).

A autora, utilizando como referencial teórico nas suas compreensões Maurice Duverger, analisa e defende o PT como sendo o primeiro partido de massas criado no Brasil, a partir de três vetores: origem, organização e projeto político. O primeiro está relacionado com a origem sindical, a partir das greves que ocorreram no final da década de 1970; o segundo está na ligação que o partido possuía com os movimentos sociais, priorizando mais essas relações do que a disputa eleitoral nas esferas legislativa e executiva; a terceira é um projeto político voltado para o socialismo, colocando questões e discussões que os demais partidos não faziam naquele momento.

Entendemos o Partido dos Trabalhadores também como resultado da complexidade em que a sociedade brasileira estava adquirindo, devido a uma maior expansão do capitalismo, através da industrialização, o crescimento urbano desordenado, a migração do campo para a cidade, presentes no século XX. Dessa forma, essa expansão provocou um maior avanço na complexidade das estruturas sociais e políticas, trazendo a necessidade de avanço social para a



população, e conseqüentemente a questão da cidadania precisava se tornar presente e a necessidade de construção de uma organização política.²

A construção do Partido dos Trabalhadores em Cuiabá

Dessa forma, tentaremos entender como o PT conseguiu adentrar na capital mato-grossense, tendo como recorte temporal o ano de 1979 até meados da década de 1980. Utilizamos esse recorte devido a criação da lei do pluripartidarismo no país, evidenciando o projeto de abertura política da ditadura militar; até o ano de 1985, quando ocorrem as primeiras eleições diretas para prefeito na cidade de Cuiabá depois da implantação do sistema indireto de votação. Utilizamos também para a construção do artigo, pesquisas com fontes orais. Essas fontes foram coletadas através de entrevistas, e elas foram entendidas como “documentos-monumentos”, ou seja, os entrevistados possuem intencionalidades, de preservarem as suas memórias.

Para entendermos a formação do PT, também utilizamos de aportes teóricos como o conceito de classe explicado por Edward Thompson (2011), em que:

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma ‘estrutura’, nem mesmo como uma ‘categoria’, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas (THOMPSON, 2011, p.09-10).

Thompson foi um historiador inglês da tradição marxista e, portanto, as suas teorias dialogam com essa corrente historiográfica. Dessa forma, para entendermos como foi à inserção do PT em Cuiabá, devemos entender também a base social em que ela tentava se inserir, entendendo classe social como uma construção histórica, não como algo que estava pronto num determinado momento. Para Thompson existe uma base social, em que ocorrem determinantes materiais nos indivíduos, tratando estas determinantes com os seus grupos sociais, através das relações sociais e culturais, e estes grupos se identificam por possuírem os mesmos interesses contrários aos interesses de outros grupos, originando uma consciência de classe.

Outro conceito que utilizamos na pesquisa foi o de “hegemonia” proposto por Antonio Gramsci (1989):

² A modernização capitalista na sociedade brasileira como uma das explicações para o surgimento e crescimento do Partido dos Trabalhadores é analisada em CESAR, Benedito Tadeu. **PT: a contemporaneidade possível** – base social e projeto político (1980-1991). Porto Alegre: ed. UFRGS, 2002.



[...] O fato da hegemonia pressupõe indubitavelmente que se deve levar em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida; que se forme certo equilíbrio de compromisso, isto é, que o grupo dirigente faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa. Mas também é indubitável que os sacrifícios e o compromisso não se relacionam com o essencial, pois se a hegemonia é ético-política também é econômica; não pode deixar de se fundamentar na função decisiva que o grupo dirigente exerce no núcleo decisivo da atividade econômica (GRAMSCI, 1989, p.33).

Dessa forma, entendemos que a hegemonia é exercida através dos grupos dirigentes de uma determinada sociedade, esses grupos possuem diferenças entre si, mas para se manterem coesos na condução dessa direção, devem realizar sacrifícios de ordem corporativa para manter um equilíbrio. Ela é exercida através da ideologia, portanto, tão importante quanto compreender a situação econômica de uma determinada sociedade, é compreender a posição ideológica dessa sociedade, pois ela é exercida pelos grupos dirigentes.

Portanto, realizamos a nossa pesquisa através da coleta de entrevistas com personagens que estavam presentes na construção do nosso objeto de pesquisa. Verificamos que estes personagens, a sua maioria eram pessoas que vinham de outras regiões do país, isso demonstra como a situação social pela qual passava Cuiabá durante a década de 1970 estava relacionada com a política implementada pela ditadura militar nesse período. Segundo João Carlos Barrozo (2008):

Havia por parte dos militares uma preocupação de ordem estratégica na extensa fronteira da Amazônia com os países vizinhos e territórios coloniais (Guianas). Até o final da década de 1960 e início da década de 1970, a economia da Amazônia continuava a ser predominantemente extrativista, razão pelo qual precisava ser transformada. Entre os objetivos do plano para ocupar a região, podem ser explicitados: a formação de grupos populacionais estáveis, tendentes a um processo de auto-sustentação; a adoção de uma política imigratória para a região, com aproveitamento de excedentes populacionais internos e contingentes externos selecionados; a fixação de populações regionais, especialmente no que concerne às zonas de fronteira; a adoção de políticas de estímulos fiscais e de crédito (BARROZO, 2008, p.20).

Verificamos neste trecho que o governo pretendia ocupar as regiões que eram consideradas desabitadas, sendo uma delas a Amazônia. Era necessário, além de ocupar a região, promover um desenvolvimento econômico através da agricultura. Dessa forma, o governo dava incentivos fiscais às empresas para ocupar a região através dos bancos públicos, dando infraestrutura para que as empresas se estabelecessem nesses locais, utilizando da força de trabalho local e dos migrantes.

Dessa forma, ocorreram várias correntes migratórias para Mato Grosso durante esse período, incentivando populações que ocupavam regiões em que a terra estava degradada, nas regiões Sul, Nordeste e Sudeste para irem ocupar outros locais do país. Cuiabá iria sofrer as



consequências dessas correntes migratórias, através do crescimento do número de habitantes sem planejamento urbano. Nesse contexto o Partido dos Trabalhadores iria se inserir. Ao serem questionados se a cidade era conservadora ou progressista, os entrevistados diziam:

Cuiabá era uma cidade impactada pela migração, existindo um polo forte de resistência cultural e política, identificado com a “cuiabania”, do pessoal que morava há mais tempo e que tinha valores culturais próprios. Do ponto de vista político era mais conservadora. Mas estava em rápida mutação e isto possibilitou avançar no sentido progressista, o que favoreceu o crescimento do PT.³

Podemos perceber neste trecho da entrevista a questão do conservadorismo presente nas relações políticas e culturais da cidade, lembrando que o entrevistado, Gilney Viana veio de Minas Gerais para Mato Grosso, e percebeu a existência de uma resistência cultural em relação à chamada “cuiabania”, ou seja, havia um grupo social local, que defendiam valores próprios da cidade, e que estava em conflito com as correntes migratórias que chegavam de diversas localidades do país.

EnelindaScala também nos confidencia sobre a questão da migração e o choque de culturas que ocorreu quando chegou em Cuiabá:

Muito conservadora. Havia um sentimento muito forte, as pessoas que vinham de fora eram chamados de ‘pau rodado’, e eu chorei muito no primeiro ano em que estava aqui, chorei muito, porque eu me sentia aqui, na forma como a gente era visto, como se eu fosse estrangeira, não brasileira, eu nunca pensei que no chão brasileiro, eu pudesse ter esse sentimento de que parecia que eu era de um outro país e não do Brasil, então foi muito sofrimento. [...] Levou muito tempo para as pessoas aceitarem a gente, como também daqui, participante daqui, e não o povo, o povo, as classes populares, da nossa população cuiabana é demais, o povo acolhe a gente de uma forma carinhosa de braços abertos. Mas a elite cuiabana tinha bastante cuidados conosco, que éramos de outros estados. [...]⁴

Através deste trecho analisamos que ocorria um choque de culturas, que a entrevistada, que estava chegando de São Paulo, não se sentia bem recebida pela elite cuiabana, enquanto a população, o povo, a recebia de forma mais aberta. Denotamos a ocorrência de um conservadorismo político e cultural advindo da elite da cidade.

³Depoimento oferecido por Gilney Viana em 2012. Nasceu em Minas Gerais, foi militante de esquerda durante a ditadura militar, cursou Medicina na Universidade Federal de Minas Gerais, mas não concluiu o curso, concluindo na Universidade Federal de Mato Grosso.

⁴Depoimento oferecido por Enelinda Scala em 2012. Nasceu no interior paulista, formou-se em Biologia pela Universidade de São Paulo, e mestrado em Educação por esta universidade. Foi para Cuiabá em 1978, tornando-se docente da UFMT, participou das greves do ABC Paulista e da fundação do PT.



Perguntados sobre como era a cidade na época da formação do partido, houve respostas que afirmavam a distância dos grandes centros urbanos, e por isso a demora da chegada das informações. Segundo Torres:

Acho que era 200 mil habitantes por aí, ela tinha... Mato Grosso tinha oitenta e tantos municípios, aumentou bastante. Depois veio uma década em que Cuiabá, especialmente, se tornou uma cidade com muitas dificuldades por causa da periferia do seu município, devido à migração do campo pra cidade, muita gente que veio correndo atrás do sonho do Eldorado. Então era uma cidade que tinha dificuldades grandes, que tinha uma população muito sofrida, sem apoio, sem atenção, foi época de muitas invasões, o pessoal chamava de invasão. Invasão de terrenos.⁵

A entrevistada menciona o aspecto social em que se encontrava a capital, caracterizada pelas invasões, como eram chamadas as ocupações de terrenos vazios pela população que não tinha uma moradia. Dessa forma, através desses movimentos, foram se estabelecendo os bairros periféricos.

Destacamos também como a Igreja Católica foi importante para a construção do partido. Por ser o local em que a repressão da ditadura não ocorria de forma pesada e direta, muitos movimentos sociais se organizavam num local chamado Paróquia do Rosário, e estes movimentos realizavam os seus trabalhos na periferia da cidade. Essa Paróquia era filiada à Comissão Pastoral da Terra, a corrente mais progressista da Igreja Católica. Através do Livro Tombopodemos verificar alguns registros de como ocorriam às ocupações de terrenos vazios:

1980 Dezembro – Problemas de despejo do bairro jardim Guanabara. As famílias foram jogadas para a beira do córrego Barbado, indo formar o novo bairro Novo Guanabara, para além do Canjica, formando a Comunidade de São Francisco de Assis. O noviço Inácio Immig, que passava por um estágio do Noviciado, sofreu agressão da polícia nesse despejo, sendo ferido. As famílias despejadas formaram o primeiro núcleo da Comunidade Católica de São Francisco de Assis (PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, p. 78).

Portanto, verificamos como ocorriam os despejos, e a ocorrência da violência do poder estatal, sendo representada pela polícia. Nesses momentos a Igreja aparecia como mediadora entre as ações de despejo e a população, que começava a enfrentar o Estado, e nesse enfrentamento ocorre uma relação de pertencimento a um mesmo grupo social devido a possuírem os mesmos interesses em contraposição aos interesses representados pela polícia. Dessa forma, retornando a Thompson, esse processo provavelmente gerou uma nova consciência política nesses grupos.

⁵ Depoimento oferecido por Artemis Mota Torres em 2012. Nasceu em Mato Grosso, graduou-se em Pedagogia na UFMT, e fez mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde tomou contato da organização da construção do PT. Retornou para Cuiabá e ajudou na construção do PT na cidade.



Verificamos que durante a década de 1980, a cidade de Cuiabá passou por diversas transformações no campo cultural e social, devido à chegada das correntes migratórias que vinham para ocupar a região amazônica e outros locais do estado em que a presença humana era de baixa densidade, além da expulsão da população local que habitava o campo. A capital mato-grossense sofreu as consequências desses acontecimentos, através do crescimento da periferia, em que a população ocupava os terrenos vazios, ocorrendo enfrentamentos com o Estado, através da polícia, para que se garantissem o local em que estavam e as condições de moradia, saneamento básico, escolas.

Neste contexto, os militantes que estavam dentro do PT começaram a realizar trabalhos com essa população que estava na periferia da cidade. Esse trabalho era chamado de nucleação, ou seja, era uma relação orgânica do partido com a base social em que estava inserida, mantendo maior proximidade com a população e através dessa relação tirar fundamentos para os trabalhos institucionais. Através dos núcleos de base, se garantiam a construção de uma nova hegemonia ideológica para a sociedade, advinda da classe trabalhadora. Através desse trabalho de nucleação, do contato com essa população foi aumentando o número de filiados, porém a recepção às ideias do partido não eram sempre bem recebidas, eram colocadas dentro de um campo de preconceito em relação às ideias socialistas, como Duarte nos coloca em relação ao trabalho de filiação:

Política é tudo a mesma coisa, Deus me livre, isso é comunismo, esse PT é comunismo, quer tomar as coisas da gente, não tem quase nada e ainda vão tomar as coisas que a gente tem, trabalha pra morrer pra ter duas casas, se o PT chegar no poder, vai pegar uma e dar pros outros, ou então vai colocar duas famílias na minha casa pra morar comigo, eu não ia ter direito do que é meu. E a gente tentava explicar, não era isso, e a gente falava: vocês renegam o que é a palavra comunismo, falava pra eles, a pessoa não sabia nem o que era, ia pela cabeça dos outros [...] (DUARTE, 2012)⁶.

Através deste trecho da entrevista podemos observar como era o comportamento da população em relação ao PT, dando destaque para a relação do partido com o comunismo, mas dentro do chamado “senso comum”, explicado através de Gramsci. Esse senso comum é construído dentro da hegemonia dos grupos dominantes de uma determinada sociedade, ou seja, de uma ideologia dominante existente derivada destes grupos.

Os grupos sociais que ajudaram a formar o partido dos trabalhadores em Cuiabá estavam ligados ao ambiente econômico em que a cidade se encontrava no período, relacionado às atividades agropecuárias, diferentes de outras localidades do país, como São Paulo ou Rio Grande

⁶ Depoimento oferecido por Antônio Duarte em 2012. Nasceu Santo Antônio do Leverger, em Mato Grosso, era trabalhador da construção civil em Cuiabá, quando foi chamado para participar na construção do PT. Um dos primeiros militantes do partido, e o primeiro presidente eleito do Diretório Estadual do PT.



do Sul, em que essas sociedades se encontravam mais industrializadas. Dessa forma, os principais militantes que ajudaram na construção do partido eram oriundos de ambientes acadêmicos, como a Universidade Federal de Mato Grosso, e dos bairros de periferia da cidade como Carumbé, Bela Vista e Planalto, onde a maioria da população trabalhava em setores como construção civil e comércio.

Verificamos também na pesquisa como era a relação do partido com a Igreja Católica. A Cúria Metropolitana da cidade estava ligada à política do Arcebispo do Rio de Janeiro, dom Eugênio Salles, mais conservadora, enquanto a Paróquia do Rosário tinha uma postura mais progressista, devido a sua filiação com a CPT. Nesse local foram abrigados diversos movimentos sociais, como o Movimento de Interior de Favelas, ajudando na ocupação dos terrenos periféricos da cidade pela população que não tinha acesso à moradia. Os militantes do PT participavam na organização política dessa população, através da presença em reuniões e nos trabalhos de filiação, em que esse trabalho de filiação tinha como principal concorrente o PMDB, no período de redemocratização política nacional. Nessa época, o PMDB era visto pela população, segundo os entrevistados, como o principal partido de oposição à ditadura militar, e dessa forma deveria angariar o apoio da população, enquanto o PT era visto através da tentativa de implantação do comunismo.

Portanto, podemos analisar como essa construção do PT dentro de Cuiabá esbarrava nas relações ideológicas existentes, e isso iria refletir nas dificuldades que ocorriam para que o número de filiados e adeptos da organização se expandissem, refletindo também nos momentos eleitorais. Nos dois pleitos em que o partido disputou dentro do recorte temporal da pesquisa, o PT aparecia com poucos votos, em últimos lugares nos resultados. GilneyViana (2012), assim, analisa o pleito de 1982:

Em Mato Grosso, com reflexo em Cuiabá, foi importante nossa estreia eleitoral, com a candidatura do professor João Monlevade a Governador do Estado, em 1982. Foi uma campanha heroica, porque a disputa estava polarizada pelo antigo PDS, com Júlio Campos, e Bezerra pelo PMDB, que fizeram campanhas amplas, e nós do PT que fizemos uma campanha muito tímida de condições materiais, e muito aguerrida de militância. O nosso candidato a governador, João Monlevade era uma pessoa muito conhecida entre professores e militantes da Igreja Católica. Tanto a candidatura, como a pessoa do João Monlevade foram muito importantes para apresentar o PT à sociedade mato-grossense e cuiabana (VIANA, 2012).

Dessa forma, através do trecho da entrevista podemos analisar como a eleição de 1982 era encarada pelos militantes petistas: através de poucos recursos materiais, em que a disputa maior ocorria entre o PDS e o PMDB, enquanto o PT era desconhecido da maioria da



população. O pleito se transformou num momento de aprendizado para os militantes, devido, para muitos, ser a primeira eleição em que participavam. O resultado do pleito mostrava o partido em quarto lugar para ocupar a vaga de governador.

As eleições de 1985 foram caracterizadas como um momento em que o partido não estava apenas mostrando para a população as ideias da organização, mas era uma força política que tinha adquirido experiência com o pleito anterior. Segundo Wanderley Pignati (2012):

[...] inclusive eu fui candidato a prefeito de Cuiabá em 1985, mesmo porque a gente estava nesse processo de construção do PT, mesmo ele um partido ainda pequeno aqui no Mato Grosso, mas era um partido bastante de luta, e tinha militância. Então a gente foi pra disputar contra Dante de Oliveira, que tinha saído em 1984 das Diretas Já, e que todo mundo tinha medo de disputar com ele, e o Gabriel Novis Neves, que era o reitor da Universidade Federal de Mato Grosso, e Pignati, que era eu. A gente disputou os três, foi uma eleição bastante significativa e foi um marco inclusive na construção do partido porque foi uma eleição que a gente chama assim, extemporânea pra prefeitura, eram só as prefeituras das capitais, não foram todas as prefeituras, e as prefeituras importantes que estavam sob a intervenção da ditadura também. [...] (PIGNATI, 2012)⁷.

O entrevistado foi candidato pelo partido nas eleições de 1985, disputando com os candidatos do PMDB e PDS a prefeitura de Cuiabá. Foram eleições em que a estrutura material e humana ainda eram deficitárias, concorrendo com partidos que tinham um histórico de inserção nas suas bases eleitorais na cidade, e possuíam maiores recursos materiais e humanos para realizarem os pleitos. Portanto, a eleição teve como vencedor o então deputado federal Dante de Oliveira, o PT acabou não conseguindo se eleger.

Concluimos que o Partido dos Trabalhadores não conseguiu uma abrangência no seu número de eleitores e militantes em Cuiabá, devido a diversos fatores, entre eles, por ser uma capital em que o capitalismo ainda estava em expansão nesse local, predominando no cenário político no executivo e legislativo os grupos advindos da elite agrária. Essa situação origina uma hegemonia cultural na sociedade em que os trabalhadores não se identificavam com as propostas do partido, não acontecendo um sentimento de pertencimento de classe social, de força transformadora.

Referências Bibliográficas

⁷ Depoimento oferecido por Wanderley Antonio Pignati em 2012. Nasceu no interior paulista, local em que graduou-se em Medicina. Foi para Barra do Garças em Mato Grosso, militando em movimentos de esquerda na cidade, ajudando na construção do PT neste local. Foi para Cuiabá no começo da década de 1980, participando do movimento sindical, militando dentro do PT. Foi candidato a prefeito em 1985, e o primeiro vereador eleito pelo partido em Cuiabá em 1988.



BARROZO, João Carlos. Políticas de colonização: as políticas públicas para a Amazônia e o Centro-Oeste. In: BARROZO, João Carlos (Org.) **Mato Grosso: do sonho à utopia da terra**. Cuiabá: Editora da UFMT, 2008, p. 20.

CESAR, Benedito Tadeu. **PT: a contemporaneidade possível**– base social e projeto político (1980-1991). Porto Alegre: ed. UFRGS, 2002.

DUARTE, Antônio: **depoimento [2012]**. Entrevista concedida ao autor.

GADOTTI, Moacir; PEREIRA, Otaviano. **Pra que PT?**São Paulo: Cortez, p. 25-26, 1989.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, política e o Estado moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, P. 33, 1989.

MARTINEZ, Paulo Henrique. O Partido dos Trabalhadores e a conquista do Estado. In: REIS, Daniel Aarão e RIDENTI, Marcelo (Orgs.). **História do marxismo no Brasil**. Vol. 06, Campinas-SP: ed. Unicamp, p. 240, 2007.

MENEGUELLO, Rachel. **PT: a formação de um partido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1989.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. **Livro Tombo**. 1945-2000. Cuiabá. p. 78.

PIGNATI, Wanderley Antonio: **depoimento. [2012]**. Entrevista concedida ao autor.

SCALA, Enelinda: **depoimento. [2012]**. Entrevista concedida ao autor.

THOMPSON, E. P. **Formação da Classe Operária Inglesa**. Vol. I. São Paulo: Paz e Terra, p. 09-10,2011.

TORRES, Artemis Mota: **depoimento [2012]**. Entrevista concedida ao autor.

VIANA, Gilney: **depoimento [2012]**. Entrevista concedida ao autor.